UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO

CEFD/UFES

REIVISON DA SILVA ONOFRE

Atletismo paralímpico para grupos específicos com baixa visão: o que narram os treinadores

VITÓRIA

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO

CEFD/UFES

REIVISON DA SILVA ONOFRE

Atletismo paralímpico para grupos específicos com baixa visão: o que narram os treinadores

Trabalho de conclusão de curso apresentado á Universidade Federal do Espirito Santo (UFES), como parte das exigências para a obtenção do título de bacharel em Educação Física.

Orientador: prof. Dr. José Luiz dos Anjos

VITÓRIA

2022

REIVISON DA SILVA ONOFRE

ATLETISMO PARALÍMPICO PARA GRUPOS ESPECÍFICOS COM BAIXA VISÃO: O QUE NARRAM OS TREINADORES

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física, do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Aprovado em 17/08/2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

_____

Prof. Doutor José Luiz dos Anjos

Universidade Federal do Espirito Santo

Orientador

_____

Prof. Doutor Edson Castardeli

Universidade Federal do Espirito Santo

_____

Prof. Mestre Luís Irapoan Jucá da Silva

Universidade Federal do Espírito Santo

Atletismo paralímpico para grupos específicos com baixa visão: O QUE NARRAM OS TREINADORES

RESUMO

O presente estudo buscou pesquisar em quatro revistas brasileiras de educação física em um período de 10 anos (2011 a 2021), o que foi publicado a respeito do atletismo paralímpico para grupos específicos com baixa visão, devido a pouca publicação sobre o método de treinamento a respeito dos deficientes visuais nesse período, o objetivo da pesquisa foi entrevistar treinadores que treinam grupos específicos de baixa visão em dois lugares distintos para saber qual o perfil do publico orientados por eles, idade mínima desse grupo, modelo pedagógico utilizado nos treinamentos e onde esses profissionais se especializam.

Palavras chave: Deficiência atletismo; deficiência visual; atletismo deficiente; educação física deficiência; esporte deficiência.

INTRODUÇÃO

O crescimento em participação de atletas gradativamente nos jogos paralímpicos desde a sua origem em 1960, são perceptíveis com números de participantes no decorrer dos anos, os jogos que desde então são promovidos de quatro em quatro anos, sendo o início do evento em Roma, o esporte contou com 400 inscritos, já em Pequim no ano de 2008 contou com mais de 4000 atletas e em Londres 2012 com 5000 atletas paralímpicos (Torralba, Miguel Angel et al, 2014).

Os atletas com baixa visão, segundo o regulamento da Federação Internacional de Atletismo (IAAF), podem ser guiados por atletas guias para coordenar o movimento dos pés e dos braços e possuem categorias de acordo com percentual de visão dos grupos, sendo classificado como t11 os atletas que não tem percepção de luz, t12 os competidores com campo visual inferior a 5 graus e t13 a categoria de quem tem campo visual reduzido com alguma visibilidade (Torralba, Miguel Angel et al, 2014).

Mesmo com o crescimento do esporte paralímpico, o treinamento de atletas com baixa visão não tem muitos estudos relevantes, foi realizado uma pesquisa de publicação em quatro revistas brasileiras de educação física num período de 10 anos (2011 a 2021) as revistas foram a Movimento, Revista Brasileira de Ciência do Esporte (RBCE), Motriz e Revista de Educação Fisica da UEM, mas não foram encontradas publicações de métodos de treinamento com esses grupos de atletas nas revistas.

DOS OBJETIVOS E PROBLEMÁTICA

Temos como proposta entrevistar dois professores que treinam grupos de baixa visão e nossos objetivos são:

a) identificar pelas entrevistas quais são as formas que hoje é trabalhado o atletismo com essas pessoas;
b) qual o perfil do publico que são orientados por esses profissionais;
c) qual o modelo pedagógico utilizados e onde os profissionais buscam se especializar nessa área de atuação.

E como problema para ser estudado e analisado nas respostas dos profissionais/educadores queremos saber se há idade limite de iniciação? Enfim, nossa proposta é saber através dessas entrevistas como atuam os educadores/profissionais de educação física com os grupos específicos de baixa visão.

MÉTODOLOGIA

Nossa metodologia consistiu em realizar duas entrevistas com dois professores que treinam e orientam grupos específicos de baixa visão no esporte paralímpico atletismo há mais de 10 anos. Fizemos pesquisas qualitativas no sentido de poder discutir como são treinados hoje os alunos com baixa visão.

As entrevistas foram realizadas com um professor que iremos identificar por L.C.L., a qual foi realizada de forma remota por vídeo conferência na plataforma MEET com duração de 32 minutos e com outro professor que iremos identificar por E.M.E. que foi entrevistado de forma presencial em um ambiente aberto com duração de 24 minutos e 30 segundos, ambas as entrevistas foram utilizadas gravadores de áudio e transcritas.

A cada resposta dada faremos uma análise e ligaremos cada resposta para identificar se houve similaridade ou não entre os entrevistados.

ENTREVISTAS

A entrevista de ambos os professores foi iniciada com pedido de apresentarem a formação profissional e o tempo que atuam no atletismo paralímpico, O professor L.C.L. é formado em educação física, doutor em ciências do movimento humano, atua com atletismo há 36 anos, sendo 34 anos com esporte paralímpico. O professor E.M.E. também formado em educação física há 10 anos e com especialização no esporte olímpico e paralímpico, antes da sua graduação, E.M.E já atuava com atletismo, tanto para pessoas convencional, quanto para deficientes visuais aproximadamente 5 anos antes da sua formação acadêmica. A formação e experiencia com o atletismo paralímpico contribuem para sabermos como é a metodologia aplicada no trabalho com o esporte para pessoas do grupo de baixa visão.

Quando perguntado ao professor L.C.L. porque houve mudança da expressão deficiente visual para grupos específicos de baixa visão o mesmo responde:

Na verdade as nomenclaturas elas vão acompanhando a discussão sobre a condição da pessoa. Então, muitas palavras, por exemplo, no esporte inclusivo, na educação inclusiva, elas tendem a evoluir de acordo com as discussões sobre o tema. Ou também a visão da própria pessoa com relação a si mesmo. Então, no grupo de pessoas com deficiência na hora de falar da decisão, de discutir sobre ela, elas dizem o seguinte: "Nada sobre nós sem nós". Então, muitas das pessoas participaram do processo de discussão que no meio acadêmico, meio que essas pessoas estavam fora, essas pessoas começaram a entrar no meio acadêmico e começaram a falar: "Não vão discutir nada sobre a nossa condição sem a gente". Então, há cego baixa visão, existe muitos cegos e tal. Sobre deficiência então no Comitê Paralímpico se falam de três categorias, o esporte paralímpico é feito de categorias. Fizeram categoria para ajustar.

Com a inclusão do grupo de deficientes visuais nas discussões no meio acadêmico, que antes essas pessoas ficavam de fora, elas indicaram que nada deveria ser discutido sobre elas sem a presença dela com o bordão “nada é de nós sem nós”. Tanto que essas inclusões também foram necessárias para ajustes de categoria.

Quando perguntado para ambos os professores sobre atualmente quem são os atletas que praticam atletismo e que pertence ao grupo, onde se encontram, nível profissional e idade, o professor L.C.L. respondeu:

A gente tem dois projetos aqui no Espírito Santo, um para o movimento paralímpico, encabeçado pelo professor E. M., o outro que é o programa de inclusão está lá (Olímpico Campos Vitória) em parceria com outras entidades. Lá em (IFES) posso falar por lá que eu participo diretamente, o número de pessoas com baixa visão é bem grande, advindo de várias entidades e da sociedade em geral. Por exemplo, das entidades que mais participa com pessoas com deficiência de baixa visão são: o Instituto Luiz Braille que vai fazer 70 anos, é um Instituto com muita estrutura que fica aqui no Bento Ferreira em Vitória e a UNICEP que é uma outra entidade que se encontra em Vila Velha.

O professor L.C.L. comenta sobre o projeto o qual ele atua em Vitória, que é um programa de inclusão com parceria com outras entidades e a sociedade em geral

e a idade dos participantes varia de 12 anos em diante. Já o professor E.M.E. que trabalha com movimento paralímpico respondeu sobre a pergunta que o público do projeto atualmente é de gênero masculino e feminino com idades entre 20 e 30 anos, que buscam alcançar resultados e melhora no desempenho para obter boas colocações em competições a nível nacional e internacional. Ele também comentou que antes do inicio da pandemia, o grupo se concentrava bastante no IFES devido o local ser referência de atendimento a pessoas com deficiência em geral. Após a pandemia eles se dividiram entre a estrutura do IFES e da UFES, teve também algumas pessoas que foram treinar sozinhos com parceiros.

Conceituando as respostas dos dois professores, percebe-se que no IFES o projeto é referência em atendimento com pessoas com deficiência qualquer que seja, o professor L.C.L. que treina o público nesse local, atua com o público mais jovem, mesmo os que estão iniciando no esporte por agora, o professor E.M.E ponderou que o publico treinado por ele, é um público adulto, com objetivos de melhora em alto rendimento e boas colocações em competições. Ambos os objetivos dos grupos é buscar no esporte um diferencial para o estilo de vida e oportunidades perante a sociedade.

Quando perguntado porque dificilmente víamos deficientes visuais praticando atletismo quando crianças ou nas escolas e porque temos mais deficientes adultos praticando atletismo do que nas categorias menores, L.C.L respondeu que atualmente as atividades esportivas com deficientes nas escolas estão tendo mais espaços para a prática. Ele cita que recentemente teve jogos escolares paralímpico do estado do Espírito Santo e que ocorre uma seletiva para os jogos, o trabalho semeado junto as escolas tem contado um aumento expressivo da participação em número e gênero de pessoas com deficiência, como no passado só tinha as entidades, o numero de pessoas adultas são maiores em relação a idade escolar que atualmente aumentou muito.

O professor E.M.E respondeu que a dificuldade de se trabalhar numa turma escolar e necessidade de se ter um profissional especificamente junto ao aluno e com formação especializada para um atendimento primoroso dificultam o acesso dos deficientes visuais com idades escolares a pratica do atletismo, ele acredita que há a necessidade de gerar mais oportunidades , com formação

adequada dos profissionais e com pessoas adequadas para dar esse suporte aos alunos, além da escola oferecer um ambiente de oportunidades.

Uma resposta complementa a outra, o professor L.C.L responde que atualmente possuem um aumento de atletas paralímpico com idade escolar devido a inclusão das escolas nos jogos escolares paralímpico o que antes só entidades participavam com público adulto, ja o professor E.M.E citou o motivo desse público ser menor devido a necessidade de especialização do profissional da escola e ambos citaram que precisam de mais pessoas para dar suporte.

Outra pergunta feita aos professores foi quais são os aspectos que facilitam e dificultam o trabalho com os deficientes visuais no atletismo, o professor L.C.L. disse o que facilitaria seria uma própria pista de atletismo da instituição e ela não tem uma estrutura adequada. Em parceria com entidades federais, eles conseguem utilizar a estrutura do local oferecido, as vezes por ocupação desses espaços, é necessário improviso em grama sintética com todo cuidado para não haver buracos, devido o risco de acidentes com os atletas de baixa visão. Já E.M.E disse que a facilidade é trabalhar com pessoas que queiram vivenciar o esporte, tem uma estrutura, o que prejudica é a logística da cidade, a qual não é toda acessível e dificuldade de encontrar um guia para atletas com desempenhos fora da curva.

As respostas dos professores foram focadas principalmente nas dificuldades que enfrentam para oferecer um treinamento adequado aos atletas, devido não possuir um próprio espaço e a acessibilidade e locomoção na cidade ser um obstáculo para os atletas.

Quando perguntado para ambos os professores quais são os cursos oferecidos aos educadores que queiram atuar com os grupos de deficientes visuais, L.C.L. e E.M.E. indicaram a mesma referência dos cursos relacionado a formação na área de treinamento ao deficiente, o comitê olímpico brasileiro tem um site com programa de capacitação com diversos cursos, o professor L.C.L. ressaltou que para realizar o curso de capacitação tem que ser formado ou formando do curso de educação física. também tem um curso que todos podem fazer e um curso de aprimoramento, onde além do aluno fazer parte das aulas, também será avaliado pelos profissionais, o aluno também tem que fazer 100 horas de estagio numa das entidades do projeto paralímpico. O professor E.M.E. ressaltou que

também é importante não só ter o conhecimento, mas também como o aluno irá colocar em prática.

Sem dúvida ter a formação, ter o curso, legal, mas colocar em prática é o que realmente vai te direcionar aí para ser um profissional diferenciado, um profissional de excelência, é aquele que vai lá e faz a mais. Eu gosto muito do filósofo Mario Sérgio Cortella, que ele fala o seguinte que um profissional de excelência é aquele que não se limita a fazer o básico. Não, aqui é aonde eu tenho que fazer, aqui aonde eu tenho que agir e não é por aí. Eu acredito, eu acredito não, ele mesmo fala que o profissional de excelência é aquele que vai além do que é a área dele além, vai dar atenção, faz isso, faz aquilo. Eu acho que é por aí, sabe por quê? Porque você sai dos escopo profissional e entra no escopo humano. E quando você trata das pessoas com deficiência eles buscam muito mais do que um profissionais, eles buscam a humanização da coisa. Porque senão você entra na robotização na máquina, parte prática ali e tal e pronto.

As resposta dos professores foram parecidas, o que o L.C.L comentou sobre o estágio feito com 100 horas e sobre a observação dos profissionais que os orientam é complementado pelo professor E.M.E. que indica um diferencial em sensibilidade ao lidar com o aluno no dia a dia.

Perguntado ao professor E.M.E. sobre os fundamentos e qualidades físicas necessárias para o processo de aprendizagem quando inicia um treinamento com deficientes visuais, ele responde com uma frase que o mentor dele costuma dizer, *'a gente vai tateando as situações de acordo com que elas vão se apresentando para nós',* então ele explica que primeiro é feito o acolhimento do atleta, e aos poucos vai conhecendo e explorando as qualidades observadas no potencial de cada um. Através do comentário do professor, ele deixa claro que o aluno não chega um super atleta, ele é moldado conforme suas qualidades observadas pelo treinador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise das respostas dos professores, ficou constatado que o publico treinado pela entidade é a partir dos 12 anos, devido uma idade menor necessitar de uma atenção minuciosa e necessidade de contar com mais profissionais capacitados para atendimento desse público.

Apesar das entidades não treinar os atletas de idades inferiores a 12 anos, atualmente existe um campeonato paralímpico escolar, onde são descobertos ótimos atletas mirim.

Em duas instituições na Grande Vitória, onde um professor treina um público adulto com média de idade entre 20 e 30 anos, enquanto o outro professor atua com pessoas com idades a partir dos 12 anos. Não são todos atletas que são treinados por eles que participam de competições paralímpicas, alguns se tornam atletas de competições a nível nacional e internacional a partir dos descobrimentos de suas qualidades.

Nos treinamentos, os atletas são acolhidos pelos profissionais que irão conhecendo e aplicando os treinamentos de acordo com suas qualidades técnicas.

Existem cursos para capacitar profissionais que treinam as pessoas com baixa visão, esses cursos são oferecidos gratuitamente através do site do Comitê olímpico brasileiro (COB). www.cpb.org.br

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

SILVA, A. J.; DUARTE, E.; ALMEIDA, J. J. G. Campeonato escolar e deficiência visual: o discurso dos professores de educação física. **Revista Movimento**, v. 17, n. 2, p. 37–55, 2011. www.seer.ufrgs.br/Movimento

TANURE ALVES, M. L.; DUARTE, E. A exclusão nas aulas de educação física: fatores associados com participação de alunos com deficiência. **Movimento**, *[S. l.]*, v. 19, n. 1, p. 117–137, 2012. www.seer.ufrgs.br/Movimento

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. de; NUNOMURA, M.; MENEZES, R. P. A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico: Perspectiva de atletas brasileiros. **Movimento**, *[S. l.]*, v. 20, n. 3, p. 989–1015, 2014. www.seer.ufrgs.br/Movimento

BORGMANN, T.; GAVIÃO DE ALMEIDA, J. J. Esporte paralímpico na escola: Revisão bibliográfica. **Movimento**, *[S. l.]*, v. 21, n. 1, p. 53–68, 2015. www.seer.ufrgs.br/Movimento

SILVA, A.; NARCISO, F.; STIELER, E.; FACUNDO, L. A.; CRUZ, A. Ângela da S.; COSTA, A. M.; SILVESTRE, P.; MELLO, M. T. de. Mapeamento geográfico de atletas paralímpicos brasileiros. **Movimento**, *[S. l.]*, v. 25, p. e25051, 2019. www.seer.ufrgs.br/Movimento

FELICIANO, J. D.; RIBAS, M. C. de S.; BRASIL, V. Z.; SERON, B. B. acessibilidade nas corridas de rua: Barreiras percebidas pelas pessoas com deficiência visual. **Movimento**, *[S. l.]*, v. 25, p. e25096, 2019. www.seer.ufrgs.br/Movimento

WALTER, L. W.; HARNISCH, G. S.; BORELLA, D. R. Atendimento educacional especializado envolvendo alunos com deficiência visual na educação física escolar. **Movimento**, *[S. l.]*, v. 26, p. e26020, 2020. www.seer.ufrgs.br/Movimento

TORRALBA, M. Á., Padullés, J. M., Braz Vieira, M ., & Olson, H. La carrera de velocidade en personas com discapacidad visual. Revista Iberoamericana de Ciencias de la actividad Física y el deporte, 2014. www.redib.org

TORRALBA, Jordán, M. Á. Atletismo adaptado: para personas ciegas y deficientes visuales, 2004.

REYES, F. L.; RODRÍGUEZ, E. B.; LÓPEZ-LLUCH, G. Influencia de la actividad física sobre la salud y la calidad de vida em personas com deficiência sensorial e visual. Revista andaluza de medicina del deporte, 2018. www.andaluciaesdeporte.org

SILVEIRA, J. R. Caracterização da produção científica sobre deficiência visual em revistas científicas da educação física (2000-2015). CEFD/UFES.